

## DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

### EUCLIDES, HISTORIADOR\*

Almeida MAGALHÃES

Dentre as facetas do espírito multifário de Euclides da Cunha não é das menos brilhantes a do historiador. Talvez seja a dominante na integração do sociólogo.

O seu grande livro - além do panfleto que foi no bom sentido da palavra - é principalmente a narrativa e a interpretação do trágico episódio da história dos primeiros anos da República.

Outros escreveram também sobre Canudos e entre eles há os nomes de Aristides Milton, Dantas Barreto e Duque Estrada de Macedo Soares, autores de monografias especializadas e sistemáticas, mas a história da guerra quem a quiser conhecer há de dessedentar-se em "Os Sertões".

O geógrafo, o botânico, o climatologista, o zoólogo, o ecologista, em suma, ali aparecem ao lado do etnologista, a serviço do

(\*) Francisco Teive de Almeida Magalhães (1893-1982), embora nascido no Rio de Janeiro, viveu em São Paulo a maior parte de sua vida, aqui se dedicando ao magistério e ao jornalismo. Orador fluente, professor de indiscutível capacidade didática, escritor eskorreito e objetivo, historiador sóbrio e criterioso, tornou-se uma das figuras de maior projeção na capital paulista. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico e, também, à Academia Mineira de Letras. Traço significativo de sua personalidade foi o "euclidianismo", que constituiu o tema de muitos de seus trabalhos, inclusive o que se reproduz nesta seção. Foi um dos diretores da "Casa Euclidiana", de São José do Rio Pardo, onde teve ensejo de desenvolver intenso trabalho em prol da memória do autor de "Os Sertões". O trabalho que aqui se transcreve e que figura em nossa "pasta de velhos recortes", foi publicado no "Correio Paulistano" de 23 de março de 1945.

historiador do drama da Troia sertaneja. É um historiador forrado de sociólogo, não há dúvida, mas historiador.

Foi Euclides, no Brasil, talvez, o escritor mais bem armado para fazer história. Sua cultura variada e densa erudição fariam dele o maior historiador nosso se lhe sobejasse tempo para compôr uma grande história do Brasil. Os capítulos que deixou possibilitam adivinhar o monumento de escultura da obra totalizada.

Os rumos preferidos não eram os comumente perlustrados pela nossa historiografia mais ocupada com o aspecto político que com o cultural e social. Mais presa ao litoral, aos grandes núcleos e cidades conhecidas, e esquecido bastante do “hinterland”, onde se processava e evoluía verdadeira civilização brasileira.

Euclides teve a vocação do historiador despertada quando, como reporter do jornal “O Estado de S. Paulo”, de Júlio Mesquita, se viu num cenário bruto e selvagem, virgem e desconhecido, onde se desenrolava o epílogo sangrento daquela “diátese social única” cujos pródromos, surgindo na Cabanada e na Balaiada, transformaram-se em manifestações alarmantes generalizadas na cangaceiragem para, afinal, culminarem, espetacularmente, em Canudos, nos sintomas que não deixaram margem a erros de diagnóstico. Esse diagnóstico quem o fez foi Euclides, expondo-o, justificando-o e defendendo-o em **Os Sertões**. A terapêutica decorria como conseqüência lógica e natural. E está também no grande livro.

**Contrastes e Confrontos**, coletânea de ensaios e escritos diversos de épocas diferentes, contam páginas onde o historiógrafo desponta com todas suas qualidades sempre versando matéria antes não cuidada por outrem ou apenas ferida superficialmente por alguns dos precursores das modernas tendências de escrever história.

Em **Peru versus Bolívia**, maciço de erudição, o escritor tem oportunidade de revelar outras indispensáveis virtudes de historiador. Nesse livro o que principalmente se nota é a capacidade de investigador, do homem que foi procurar o material de que se serve, nos arquivos, compulsando velhas monografias, relatórios e documentos.

Para escrever esse notável trabalho, teve Euclides de fazer-se rato dos depósitos de diplomas e papéis do Itamarati. Além disso houve que se atirar à leitura e à consulta de geógrafos, astrônomos, meteorologistas

e demarcadores de limites no século XVIII, espanhóis e portugueses. Foi preciso fazer-se autoridade na geografia e na história de três países americanos aos quais interessava a questão de limites que agora chegava ao auge, no conflito entre o Peru e a Bolívia, conflito que tanto interessava ao Brasil porque envolvia o destino do nosso território do Acre.

Oliveira Lima, pronunciando-se a propósito desse livro, escreveu sem exagero: “Sem pretensões a historiador, o sr. Euclides da Cunha, achou pois aí meio de fazer história da melhor, assim como, sem ser jurisperito, achou ocasião de revelar familiaridade com o direito das gentes, na sua forma mais progressiva como nos seus aspectos mais afastados. O merecimento maior de seu recente livro como memória diplomática e como alegação jurídica, reside contudo na sua vivacidade e no seu modernismo, na utilização das fontes tradicionais para a evocação palpitante de um passado a que se vão prender as raízes do litígio, e simultaneamente dos episódios recentes na história dos três países limítrofes em suas negociações sobre a extensão territorial ainda em discussão”.

O livro de Euclides, esse **Peru versus Bolívia**, interessou à América inteira, e durante muito tempo foi objeto de debates e polêmicas internacionais, que consagraram, no continente, o nome do autor como erudito na geografia, na história e nas questões diplomáticas.

Em **À Margem da História**, desde o título se depreende qual o assunto tratado pelo escritor. São páginas das melhores da historiografia nacional. O capítulo em que estuda, em admirável e perfeita visão panorâmica, todo o período que se estende da Independência à República, é modelo de síntese histórica, que Vicente Licínio Cardoso, aliás exageradamente, disse ser muito mais verdadeiro do que a grande obra de Joaquim Nabuco, abrangendo largo período do Segundo Reinado. Seriam algumas dezenas de páginas a valer mais do que os dois volumes de uma obra consagrada pela crítica e pela admiração nacional. Fica em todo caso a referência para salientar a opinião de um espírito esclarecido acerca da capacidade de Euclides da Cunha como historiador.

Manda, porém, a justiça que deixe aqui o testemunho de alguém que, durante quatro anos, conviveu com Euclides, com ele teve comércio literário, emprestando-lhe livros e tendo ocasião de ver quais

eram suas leituras, pelo menos a tempo em que esteve construindo a ponte de São José do Rio Pardo.

José Honório de Sylos, interrogado por mim - empenhado então em provar que o **Facundo** não inspirara a feitura de **Os Sertões** - sobre se Euclides, durante sua estada em São José do Rio Pardo, lia algum livro de Sarmiento, respondeu-me negativamente, declarando que o escritor consultava muito **Um Estadista do Império**, de Joaquim Nabuco.

Sempre julguei que aquela soberba síntese eucladiana não poderia ser feita sem a leitura de Nabuco. Foi o eminente historiador do Segundo Reinado quem facilitou a tarefa de Euclides. Sobre isto não há dúvida.

É possível, entretanto, que o trabalho deste seja “mais verdadeiro” que o do desbravador de seu caminho, mesmo porque na obra de Nabuco há muito de sentimento e de coração, biografia que é de seu notável progenitor. Em nada diminui o valor do ensaio histórico de Euclides o fato de ter sido composto com os subsídios de Nabuco, uma vez que o panorama debuxado é diferente, perfeito e euclidiano.

Demais, o forte em Euclides não é propriamente a história política e, sim, a outra, a cultural e social, e principalmente a história em função da geografia e da ecologia humana de que foi sem contestação o precursor entre nós, e que teria mais tarde um avançado continuador em Vicente Licínio Cardoso, notadamente quanto ao fator terra, “esqueleto dos organismos sociais”, a maior e mais harmoniosa descoberta sociológica do século passado, só atingida com sacrifício, depois de afirmações isoladas ou exageros prejudiciais sobre as raças, os climas e os alimentos humanos.

Depois de Euclides não é possível divorciar a história da geografia, sob pena de retrocesso à velha história invertebrada, história amorfa e desarticulada, história oficial e acadêmica do século transato, toda absorvida nos fastos heróicos, nos acontecimentos épicos, nas efemérides cívicas, e derramando-se em “nênias” a reis, chefes e magnatas, sem um olhar inteligente para o meio físico, para o teatro que condiciona fatos e homens e que é um dos fatores de sua razão de ser.

Euclides é um marco na evolução da historiografia brasileira.